Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

PAISAGENS DE ENTRELINHAS: A POÉTICA VISUAL DAS RESSONÂNCIAS DO COTIDIANO

LANDSCAPES OF SUBTEXT: THE VISUAL POETICS OF EVERYDAY RESONANCES

PAISAJES ENTRE LÍNEAS: LA POÉTICA VISUAL DE LAS RESONANCIAS DE LO COTIDIANO

Sabrina Esmeris
Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, Brasil

Laura Marcela Ribero Rueda
Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, Brasil

Ernani Mügge
Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa em arte de natureza prática-reflexiva, desenvolvida no âmbito de um projeto de tese em andamento, intitulado *Vida e obra das coisas anônimas: a poética do banal em fotografia e vídeo*. A investigação parte do seguinte problema: como envolver diferentes pessoas em uma produção coletiva que, a partir de elementos banais do cotidiano, desencadeie poéticas visuais, provocando novas leituras do que se vê por meio de compartilhamentos em redes sociais? O objetivo é desenvolver uma produção artística colaborativa que relacione palavra e imagem por meio de uma série de vídeos e fotografias de cenas aparentemente ordinárias, às quais são atribuídos breves títulos capazes de redimensionar seus significados, e gerar reflexões críticas. Adota-se uma abordagem metodológica processual e participativa, com ações realizadas nas redes sociais que envolvem diferentes pessoas em práticas de criação e interpretação de imagem e texto. Os títulos poéticos atribuídos às produções ampliam seus sentidos e promovem uma interação entre arte e vida. O trabalho também apresenta características que permitem que ele seja analisado a partir de três categorias de estudo da linguagem: enunciado, intertextualidade e polifonia. Tal divisão reforça o caráter colaborativo e múltiplo das interpretações, oferecendo novas formas de compreender os espaços habitados e suas narrativas visuais.

Palavras-chave: Imagem. Cotidiano. Poética visual.

ESMERIS, Sabrina; RIBERO RUEDA, Laura Marcela; MÜGGE, Ernani. PAISAGENS DE ENTRELINHAS: A POÉTICA VISUAL DAS RESSONÂNCIAS DO COTIDIANO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-26, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Abstract

This article presents a practice-based and reflective art research project, developed as part of an ongoing doctoral thesis entitled *Life and Work of Anonymous Things: The Poetics of the Banal in Photography and Video*. The investigation is guided by the following question: how can different people be engaged in a collective production that, starting from banal elements of everyday life, triggers visual poetics and provokes new interpretations of what is seen through social media sharing? The objective is to develop a collaborative artistic production that connects words and images through a series of videos and photographs of seemingly ordinary scenes, to which brief titles are assigned that reframe their meanings and generate critical reflection. A procedural and participatory methodological approach is adopted, with actions carried out on social networks that involve different individuals in practices of creating and interpreting images and texts. The poetic titles attributed to the works expand their meanings and promote an interaction between art and life. The project also presents characteristics that allow it to be analyzed through three categories of language study: utterance, intertextuality, and polyphony. This division reinforces the collaborative and multiple nature of interpretations, offering new ways of understanding inhabited spaces and their visual narratives.

Keywords: Image. Everyday life. Visual poetics.

Resumen

Este artículo presenta una investigación en arte de carácter práctico-reflexivo, desarrollada en el marco de un proyecto de tesis en curso, titulada *Vida y obra de las cosas anónimas: la poética de lo banal en fotografía y vídeo*. La investigación parte del siguiente problema: ¿cómo involucrar a diferentes personas en una producción colectiva que, a partir de elementos banales de la vida cotidiana, se desencaden poéticas visuales, provocando nuevas lecturas de lo que se ve, a través de lo compartido en redes sociales? El objetivo es desarrollar una producción artística colaborativa que relacione palabra e imagen, a través de una serie de vídeos y fotografías de escenas aparentemente ordinarias, a las que se les atribuyen breves títulos capaces de redimensionar sus significados y generar reflexiones críticas. Se adopta un enfoque metodológico procesual y participativo, con acciones realizadas en redes sociales que involucran a diferentes personas en prácticas de creación e interpretación de imagen y texto. Los títulos poéticos atribuidos a las producciones amplían sus sentidos y promueven una interacción entre arte y vida. El trabajo también presenta características que permiten su análisis a partir de tres categorías de estudio del lenguaje: enunciado, intertextualidad y polifonía. Esta división refuerza el carácter colaborativo y múltiple de las interpretaciones, ofreciendo nuevas formas de comprender los espacios habitados y sus narrativas visuales.

Palabras clave: Imagen. Cotidianidad. Poética visual.

ESMERIS, Sabrina; RIBERO RUEDA, Laura Marcela; MÜGGE, Ernani. PAISAGENS DE ENTRELINHAS: A POÉTICA VISUAL DAS RESSONÂNCIAS DO COTIDIANO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-26, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Introdução

As práticas artísticas que interagem com o cotidiano se revelam como formas de expressão estética e, também, como atos de diálogo com suas sutilezas e complexidades. O presente artigo se insere nesse debate com a proposta de estudar e ressignificar a rotina por meio de fotografias e vídeos de elementos aparentemente banais que visam não apenas capturar momentos fugazes, mas provocar reflexões sobre o espaço vivido. As imagens criadas e aqui apresentadas pertencem ao projeto de tese em andamento denominado *Vida e obra das coisas anônimas: a poética do banal em fotografia e vídeo*, o qual exemplifica tal interação ao transformar detalhes ordinários em pequenos universos poéticos.

A partir do exposto, a autora principal deste trabalho se torna uma observadora e colecionadora do ordinário, onde os objetos e elementos da natureza, aparentemente sem valor atribuído a eles, adquirem novos sentidos. Esses fragmentos do cotidiano, como brinquedos jogados no lixo, pares de calçados perdidos ou plantas que nascem em locais inusitados são ressignificados, transformando-se em metáforas visuais que carregam histórias e memórias.

Neste movimento, a artista se vê interpelada pelos elementos encontrados, como se estes estabelecessem um diálogo silencioso, despertando percepções e memórias adormecidas. Esses encontros imprevistos criam um ciclo de trocas entre o que costuma ser ignorado ou descartado pela rotina e o que é devolvido a ela, ressignificado pela arte. Assim, o ordinário adquire uma relevância extraordinária, um sentido renovado para a compreensão dos espaços em que se vive. Assim, tem-se um meio de compreender a relação entre o indivíduo e o espaço que ele habita. Em oposição aos ritmos acelerados do dia a dia, a criadora da poética do banal encontra o tempo necessário para estabelecer uma organização íntima em meio à impessoalidade urbana.

No cenário contemporâneo, em que as redes sociais se consolidam como um espaço de exposição e compartilhamento de experiências artísticas e também cotidianas, o projeto busca criar uma ponte entre o público especializado — que já conhece e acompanha o trabalho — e o espectador despreparado, aquele que é

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

atravessado pelas imagens de forma inesperada, inserindo-o em uma dinâmica de troca e criação coletiva.

A dimensão social e cultural dos espaços habitados, marcados por processos de ocupação e transformação constante, encontra na arte um meio de revelar o que está à vista e o que permanece oculto. As imagens produzidas a partir do cotidiano, com seus elementos aparentemente banais, nos convidam a olhar com mais atenção para os detalhes que passam despercebidos. É nesse olhar mais atento que se revelam histórias e outras camadas de significados.

A intersecção entre paisagens do cotidiano e poética visual proposta neste trabalho dialoga com as discussões do Círculo de Bakhtin (2009) sobre enunciado, intertextualidade e polifonia. Assim como a cidade carrega múltiplas vozes, que se manifestam em suas ruas e muros, as imagens produzidas pelo projeto convidam à participação coletiva, ampliando as possibilidades interpretativas. Nesse sentido, a paisagem se transforma em um campo fértil para experimentações artísticas, onde a colaboração e o diálogo com o outro são fundamentais para a construção de novas narrativas visuais. A proposta de interação com o público do projeto em pauta, seja pela sugestão de títulos para as imagens ou pela participação no envio de fotografias, abre espaço para que múltiplas vozes se manifestem, em um processo que dialoga, por exemplo, com a polifonia[1] descrita por Bakhtin (2008). Cada novo título ou imagem adiciona outros significados, fortalecendo a interação entre arte e vida.

Essa abordagem também ressoa com a ideia de que as paisagens urbanas não são estáticas; elas estão em constante mutação, assim como as interpretações que delas se fazem. O projeto, ao propor uma produção artística colaborativa e processual, reconhece que as paisagens são moldadas tanto pelos aspectos físicos quanto pelas interações e memórias de seus habitantes. Por fim, este trabalho busca contribuir para a discussão sobre o papel da arte na vida cotidiana, ampliando o entendimento de como as representações visuais, tanto

[1] A noção de polifonia, conforme elaborada por Bakhtin (2008), refere-se à presença de múltiplas vozes em uma materialidade textual, que coexistem sem hierarquia ou submissão à consciência única do autor. Trata-se da articulação de diferentes perspectivas, desejos e posições enunciativas que, em vez de serem organizadas em função de uma voz central, mantêm sua autonomia dentro da obra.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

fixas quanto em movimento, podem influenciar a percepção que temos dos espaços que habitamos.

Paisagens anônimas nos espaços intervalares

O projeto de tese *Vida e obra das coisas anônimas: a poética do banal em fotografia e vídeo* visa o desenvolvimento de uma produção poética coletiva entre brechas da vida cotidiana por meio de uma série de vídeos e fotografias de sinais, signos, simbolismos sutis e concisos do dia a dia para associá-los com breves títulos e, assim, redimensionar o significado do que se vê. Se o cotidiano é repleto de informações que passam despercebidas, a ideia é trabalhar com uma proposta que possa envolver diferentes pessoas em uma produção poética que desenvolva uma relação entre imagem e palavra a ser compartilhada nas redes sociais.

A temática das imagens produzidas dialoga com a ideia de que, mesmo diante das obrigações rotineiras, a natureza e a cidade continuam desempenhando suas funções essenciais que, por vezes, recebem pouca atenção: a natureza, com seus ciclos de renovação, equilíbrio ecológico e provisão de recursos vitais; e a cidade, como um organismo em rede, conectando pessoas, serviços e ideias que sustentam o funcionamento da vida coletiva. O conteúdo das fotografias e vídeos pode ser diversificado; nesse contexto, defendemos que é o ponto de vista do observador que dá sentido ao objeto, ou seja, a percepção de quem constrói a imagem é o que provoca os redimensionamentos necessários, trazendo à tona novas interpretações e significados.

Ao se produzir uma imagem, coloca-se nela impressões subjetivas, mas, que dialogam com um contexto maior. É uma visão pessoal sobre o clima, a paisagem urbana ou natural, os transeuntes, as estações, um momento fugaz, a vida, a morte, um animal ou objeto. São pequenos mundos que se conectam com um universo maior e com experiências que são coletivas. Trata-se de um trabalho que vê as “simples ocorrências” do cotidiano como potencialidades que podem receber sentidos mais amplos e que encaminham para reflexões. Para o desenvolvimento do projeto em pauta, partimos do entendimento de que pequenos detalhes trazem possibilidades de pesquisas poéticas que retiram do

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

esquecimento elementos encontrados nas entrelinhas do dia a dia. São miniuniversos que, quando vistos de perto, fazem com que se perceba o quanto podem ser explorados, o que eleva a compreensão a outros patamares. Muitos desses detalhes podem ser encontrados no ambiente de uma casa, no trajeto para o trabalho ou em uma caminhada pelo jardim. Basta ouvir murmúrios clamando por atenção. Uma planta que nasce em um local inusitado, um calçado perdido na rua, fios de poste enrolados, são elementos que podem compor linguagens urbanas e ser motivos para fotografias ou vídeos, cujos significados são redimensionados quando se associa às imagens títulos que evocam poesia, ficção, devaneios ou temas da história da arte (Figuras 1, 2 e 3).

Figura 1 – Sabrina Esmeris. Ato revolucionário, 2015



Fonte: Arquivo da autora.

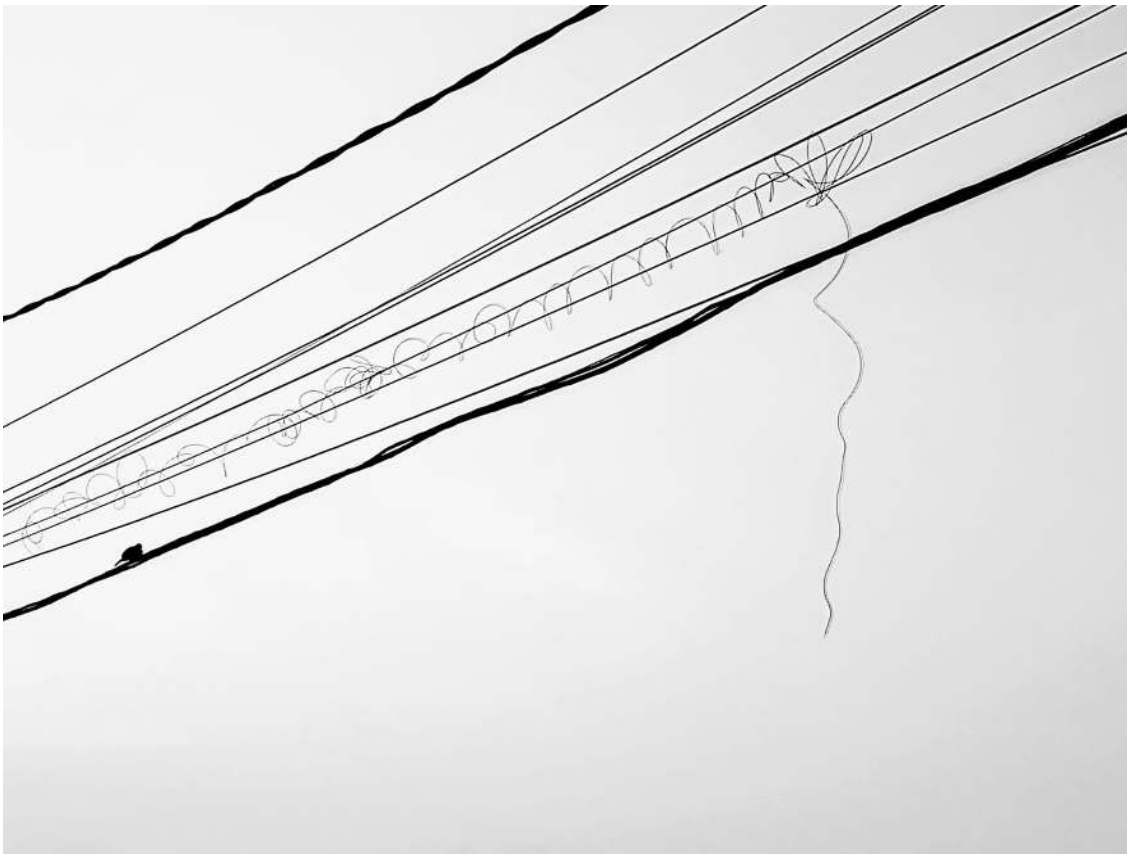
V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 2 – Sabrina Esmeris. Cinderela Urbana, 2024



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 3 – Sabrina Esmeris. Caligrafia, 2024



Fonte: Arquivo da autora.

ESMERIS, Sabrina; RIBERO RUEDA, Laura Marcela; MÜGGE, Ernani. PAISAGENS DE ENTRELINHAS: A POÉTICA VISUAL DAS RESSONÂNCIAS DO COTIDIANO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-26, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Atualmente, a autora principal deste trabalho está realizando um resgate de imagens produzidas a partir do ano de 2012, resultantes da investigação poética das *imagens-haikais*[2], para ressignificá-las com títulos. Tais imagens, juntamente com outras produzidas a partir do ano de 2023 (projeto atual), estão sendo lançadas uma vez por semana nas redes sociais para dar andamento à parte prática do projeto e, simultaneamente, acostumar o olhar dos espectadores despreparados e dos possíveis colaboradores do processo coletivo em formação para a compreensão do conceito poético que envolve a pesquisa.

O exercício do olhar, resultante da tarefa diária de perceber o que passa despercebido, permite que o olho fique atento a encontrar, por exemplo, paisagens ocultas, mesmo que elas apenas façam alusão à ideia de uma paisagem (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Sabrina Esmeris. Série Imagens-Haikais III, 2014



Fonte: Arquivo da autora.

[2] ESMERIS, Sabrina. Imagens-haikais: um desdobramento poético em fotografia e vídeo. 2015. Monografia (Conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Visuais) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2015.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 5 – Sabrina Esmeris. Série Imagens-Haikais III, 2014



Fonte: Arquivo da autora.

Esses aguçamentos são também explorados por autores como Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (2000, p. 152): “Não haverá um plano de universo nas linhas que o tempo desenha na velha muralha? Quem já não viu, em algumas linhas que aparecem num teto, o mapa do novo continente?” É o propósito de descobrir que, nos detalhes, é possível criar mundo a partir de devaneios e que estes podem ser habitados sempre que for do interesse de seu criador.

As imagens apresentadas pertencem ao trabalho desenvolvido no âmbito da graduação mencionado anteriormente, porém, nesse caso, ainda sem ser ressignificado com novos títulos. Tal exemplo se faz presente para abordar um exercício de investigação e aguçamento de olhar, o qual é realizado há algum

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

tempo e é importante para a construção da pesquisa atual. A explicação científica para esses elementos, que lembram formas vegetais, é que são pseudofósseis chamados de dendritos, frequentemente encontrados em superfícies de rochas vulcânicas, como o basalto, característico do Rio Grande do Sul. Quando a água escorre sobre as calçadas, ela pode carregar minerais como óxidos e hidróxidos de ferro e manganês, que se infiltram nas pequenas fissuras da superfície da rocha. Ao atingir uma fenda horizontal, esses minerais se espalham até que a velocidade diminui, formando padrões dendríticos. Esses desenhos, portanto, aparecem após a rocha se formar, e não simultaneamente a ela (Branco, 2014). É o vazio que favorece essas criações, já que são os pequenos espaços entre as pedras das calçadas que recebem esses minerais, que, de forma sutil, desenham fractais que evocam paisagens naturais.

A proposta é que as imagens da pesquisa em questão surjam da observação das coisas naturalizadas pelo hábito por meio de uma nova percepção, um posicionamento que as ressignifique ou as coloque em uma situação de estranheza para evocar outros significados. Assim, pode-se tornar o ordinário em extraordinário em um ensaio das coisas que nascem do mundano e dos encontros despreparados. Se, conforme aponta Soulages (2010), todos os instantes são decisivos para se fazer uma fotografia, é o olhar de quem faz as imagens que decide qual o instante a ser trabalhado. O olho humano transforma o objeto mirado. É uma questão de ponto de vista. Já Aumont (1993) apresenta o instante pregnante como um momento que exprime a essência de um acontecimento, o qual é baseado em um acontecimento real e fixado na representação. Em outras palavras, é aquilo que é significante para o autor.

Desde aproximadamente 2012, a autora principal deste artigo tem o hábito de dedicar um olhar atento aos elementos do cotidiano, explorando-os em conjunto com estudos acadêmicos. Após conhecerem essa prática, algumas pessoas próximas, de forma espontânea, começaram a enviar imagens que dialogavam diretamente com o projeto, como uma forma de demonstrar identificação ou atenção à proposta em desenvolvimento. Essas contribuições, por sua vez, inspiraram a autora a arquivar as imagens recebidas, com o objetivo de incorporá-

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

las gradualmente ao projeto e compartilhá-las nas redes sociais, ampliando o exercício coletivo em torno da temática (Figura 6).

Figura 6 – Sabrina Esmeris. Captura de tela de repostagem no Instagram, 2024

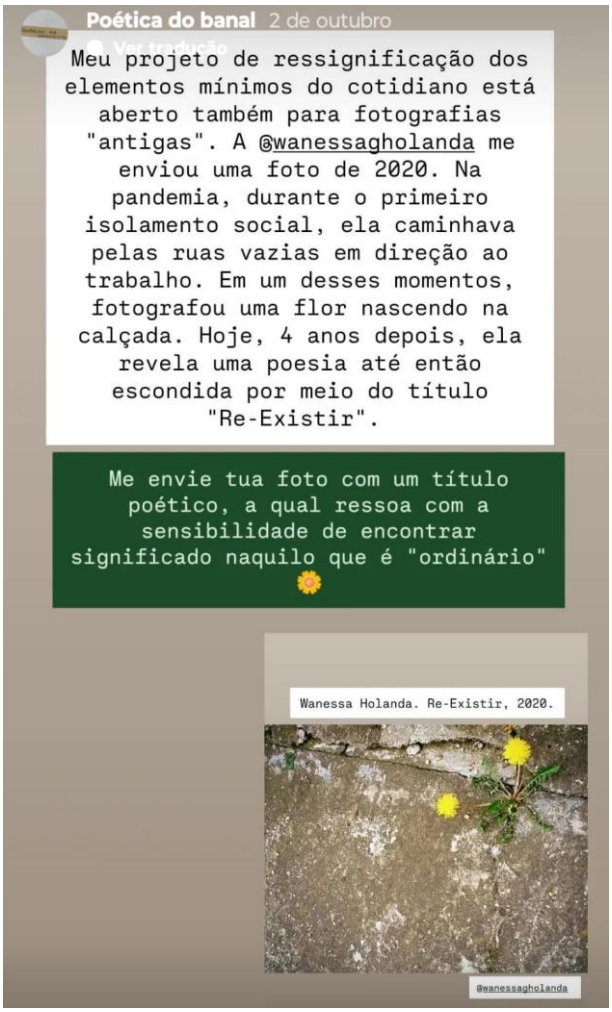


Fonte: Arquivo da autora.

Após o recebimento de algumas produções, que foram enviadas espontaneamente por amigos, como a da Figura 6, passou-se a fazer chamadas nas redes sociais para receber imagens que dialoguem com o trabalho. O projeto é aberto para receber fotografias e/ou vídeos atuais, ou seja, resultados que foram provocadas pela poética em questão ou, então, imagens anteriores que são revisitadas para ganhar novos significados, conforme explica a postagem abaixo (Figura 7).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 7 – Sabrina Esmeris. Captura de tela de postagem no Instagram, 2024



Fonte: Arquivo da autora.

A partir do compartilhamento mencionado acima, foi recebida uma resposta no story da publicação em questão, na qual a pessoa comentou que também gostava de fotografar resistências cotidianas. Ela enviou uma outra imagem, no bate-papo do Instagram, de uma flor que nasceu em um concreto, no caso, nos territórios de um cemitério e, por esse motivo, a intitulou de *Ressurreição* (Figura 8). Com isso, já se conseguiu arquivar uma série de fotografias de flores que surgiram em locais inusitados, as quais dialogam com as paisagens urbanas e recebem olhares de pessoas que tem por hábito perceber frestas no cotidiano, formando um grupo que se identifica com a poética do banal.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 8 – Carla Silveira Lamego. Ressurreição, 2024



Fonte: Arquivo da autora.

Para desenvolver um trabalho a partir do exposto, faz-se necessário encontrar brechas, espaços intervalares no cotidiano, em um estado de atenção e disponibilidade. É uma maneira de pensar que as coisas estão à espera para se desprenderem dos seus esconderijos e serem captadas pela atenção do observador, para passar a habitar uma imagem digital a ser compartilhada nas redes sociais e receber novos olhares dos espectadores. Trata-se de imagens que surgem de encontros inesperados para espectadores despreparados, ou seja, uma ação embasada na linguagem da rotina. Em uma produção coletiva, processual e percussiva, objetiva-se um trabalho em que a criação de imagens e palavras seja o

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

reflexo de novos modos de ver e viver o cotidiano por meio de uma aproximação entre arte e vida.

O desafio da proposta é criar um estado de atenção que propicie a vivência de situações inesperadas em um estado receptivo de ver e escutar as coisas do mundo, pois é nos interstícios do dia a dia que algo simples e curioso se manifesta. Nessa experiência, é possível deslocar os movimentos costumeiros que integram a rotina a partir de uma percepção de situações aparentemente banais que são ignoradas entre as tarefas da vida diária. Qualquer lugar pode ser um espaço de ocorrência, ser ressignificado e redimensionado pelo ato de registrar, pelo ponto de vista do criador, com a elaboração de um título que dialogue com a imagem.

Trata-se de um trabalho que ocorre em um processo a longo prazo, de acompanhamento e formação de espectadores diversos: despreparados, dispostos e emancipados. Sabe-se que, cada vez mais, artistas têm utilizado as redes sociais como suporte para seus trabalhos. Tem-se, nesse caso, uma possibilidade de partilha do sensível (Rancière, 2009) mais abrangente, pois o público que frequenta museus e galerias é, ainda, seleto. A proposta em pauta visa uma produção feita por pessoas diversas para pessoas diversas por meio de imagens pensadas, acompanhamento cauteloso, ações baseadas em estudos e amparadas por pesquisas acadêmicas. Por fim, o presente projeto abre-se para mudanças ao considerar que a produção artística se constrói e se resolve no *ato de fazer*. À medida que a prática artística e a escrita sobre ela é desenvolvida, surgirão novos rumos e entendimentos do trabalho.

Análise do discurso na Vida e obras das coisas anônimas

O trabalho em questão apresenta características em sua estrutura que o permitem ser analisado na divisão de elementos do estudo da linguagem: enunciado, intertextualidade e polifonia. Ele se divide em três fases: na primeira, a autora do projeto fotografa e atribui um título à imagem, compartilhando-a nas redes sociais. Na segunda, imagens criadas por outras pessoas, acompanhadas de títulos elaborados por elas, são enviadas para serem compartilhadas no projeto, permitindo que o criador original reposte o trabalho e alcance novos núcleos de

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

espectadores. Por fim, na terceira fase, ocorre o compartilhamento de uma fotografia realizada pela autora, desta vez sem título. Assim, os espectadores-criadores é que dão o título em uma espécie de jogo interativo em que uma mesma imagem recebe nomeações diferentes, porém, todas válidas. As fases se repetem em um ciclo, sem que haja o encerramento de uma ação para a outra. Desse modo, continuamente, a fase 1, 2 e 3 estarão em desenvolvimento e sendo compartilhadas nas redes sociais.

O referencial teórico para esta seção embasa-se nos conceitos de enunciado, intertextualidade e polifonia desenvolvidos ao longo do tempo por Bakhtin (2008), retomados por Faraco (2009), e Samoyault (2008). Ao considerar que o trabalho ocorre na interação com o *outro,* surgem enunciados que apontam ideologias no discurso de quem comunica, textos que fazem alusão a outros textos e múltiplas vozes participantes sem que haja hierarquia entre elas.

Sobre o enunciado

Faraco (2009) elabora uma síntese das teorias e conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin. Em relação ao termo ideologia, deve-se considerar que não há um sentido negativo ou restrito dele. Para o Círculo, a significação dos enunciados expressa um posicionamento social valorativo, seja ele qual for. Desse modo, todo enunciado é ideológico. Na obra de Faraco (2009, p. 48), defende-se que “[...] todos produtos da criação ideológica são dotados de materialidade, isto é, são parte concreta e totalmente objetiva da realidade prática dos seres humanos (não se podendo estudá-los, portanto, desconectados dessa realidade)”.

No dia 21 de dezembro de 2023, foi compartilhada, nas redes sociais, uma fotografia feita pela autora principal deste trabalho de uma escadaria que leva para uma placa com a palavra “saída”. Por outro lado, a suposta saída foi bloqueada por tijolos e concreto. Assim, solicitou-se que as pessoas dessem títulos para a imagem, o que trouxe para a superfície camadas de discursos ao se receber os seguintes títulos: Sem saída, Argentina 23/26, Saída para o além, Volta que deu

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

merda, Contrassenso, Vai embora não, Encurralada, Capitalismo, Saída de emergência, Despropósito e Escolhas ilusórias (Figura 9).

Figura 9 – Sabrina Esmeris. Captura de tela de postagem no Instagram, 2023



Fonte: Arquivo da autora.

A ação permitiu perceber a relação de alguns indivíduos com a imagem compartilhada. Mesmo que os títulos tragam textos breves sem aprofundar uma ideia, entendemos que a oportunidade possibilitou a formação de camadas de discursos em cima de uma única fotografia.

Um dos títulos, diz: *Argentina 23/26.* A imagem foi compartilhada em período próximo à eleição presidencial na Argentina[3], quando houve revolta por parte de

[3] De 2023 a 2027, Javier Milei, de extrema direita, será presidente da Argentina. Suas propostas mais radicais incluem a dolarização da economia, o fim do Banco Central e a privatização de setores

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

determinados grupos, pois o resultado anunciou o triunfo da extrema direita no país. Para esse indivíduo, uma promessa de saída que, na verdade, impede um avanço e força o transeunte a permanecer parado, retroceder seus passos ou esbarrar seu corpo contra uma superfície sólida que pode machucá-lo é o que simboliza o resultado de tal eleição. Na ocasião, percebemos um enunciado dotado de ideologia que permite processos de identificação por outros sujeitos (Figura 10).

Figura 10 – Sabrina Esmeris. Captura de tela de respostas ao story que compartilhou os títulos recebidos, 2023



Fonte: Arquivo da autora.

Se a imagem tivesse sido compartilhada em outro momento histórico ou em outra bolha social, as interpretações teriam sido diferentes. Assim, é possível considerar que o produto da criação ideológica é um signo que está conectado com o social. Dentro desse contexto, tais elementos são criados e interpretados, dando sentido à vida em sociedade e suas relações, mediadas com a realidade pelos signos, linguagens e significações, nos quais existem valores.

Sobre a Intertextualidade

Entendemos que a intertextualidade ocorre quando se verifica a presença de um texto manifestada em outro. Para Samoyault (2008), isso acontece, por exemplo, quando o texto se refere diretamente a textos anteriores. Outra possibilidade do fenômeno é quando o texto joga com a tradição ou com a

estratégicos, enquanto no campo conservador defende restrições ao aborto e uma agenda contra o feminismo e políticas de gênero.

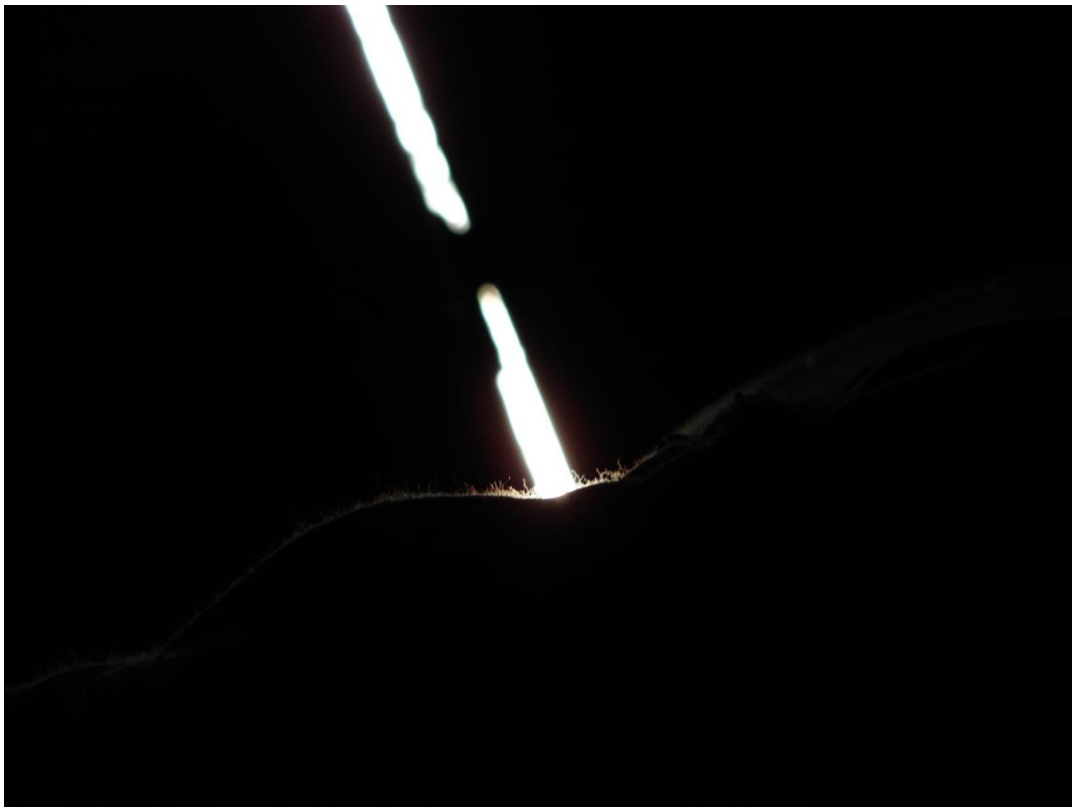
REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

biblioteca em níveis implícitos ou explícitos. Ainda, apresenta-se quando o texto é inteiramente construído a partir de outros textos.

A partir da ideia de que a intertextualidade é a suposição da presença de um texto em outro, seja por citação, alusão ou referência, de forma direta ou indireta, pode-se transpor tal conceito para o projeto *Vida e obra das coisas anônimas.* Nesse caso, a intertextualidade se dá na criação dos títulos quando eles evocam poesia, obras cinematográficas ou de ficção, álbuns musicais, temas da história da arte, etc. Como exemplo, tem-se a fotografia abaixo intitulada *A criação de Adão* (Figura 11).

Figura 11 – Sabrina Esmeris. A criação de Adão, 2014



Fonte: Arquivo da autora.

A denominação da figura acima faz referência ao título de uma obra de Michelangelo (1475-1564), amplamente conhecida, o que induz o espectador a encontrar semelhanças entre as duas imagens. O afresco da Capela Sistina, que aborda uma passagem bíblica, mostra a imagem de Adão em uma superfície inferior, na terra, enquanto Deus, em forma de humano, encontra-se em um nível

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

superior, ou seja, no céu. Ambos se tocam levemente por meio da ponta de seus dedos, sugerindo a criação do homem por meio da transmissão da centelha divina. Já, a imagem do projeto, apresenta as mesmas categorias de nível superior e inferior. Na superfície terrestre, é possível visualizar a silhueta de um corpo por onde um feixe de luz avança para o nível superior. A partir do contraste de sombra e luz, percebe-se, na base, a presença de elementos que podem ser interpretados como pelos. Na parte espacial, que faz referência ao céu, há um outro feixe de luz que sugere um movimento em direção ao solo, o que indica que ambos os elementos irão se tocar levemente, como acontece na pintura de Michelangelo. A relação divina, nesse caso, encontra-se na manifestação de luzes, as quais fazem referência à alma, e a dramaticidade se dá no contraste do claro e do escuro. São as figuras da arte renascentista, porém, em formato simplificado, em diálogo com a arte contemporânea. Desse modo, um título elaborado para uma fotografia feita no século XXI e que faz referência a outro título atravessa mais de 500 anos em direção ao passado para encontrá-lo e tocá-lo sutilmente, possibilitando uma nova criação.

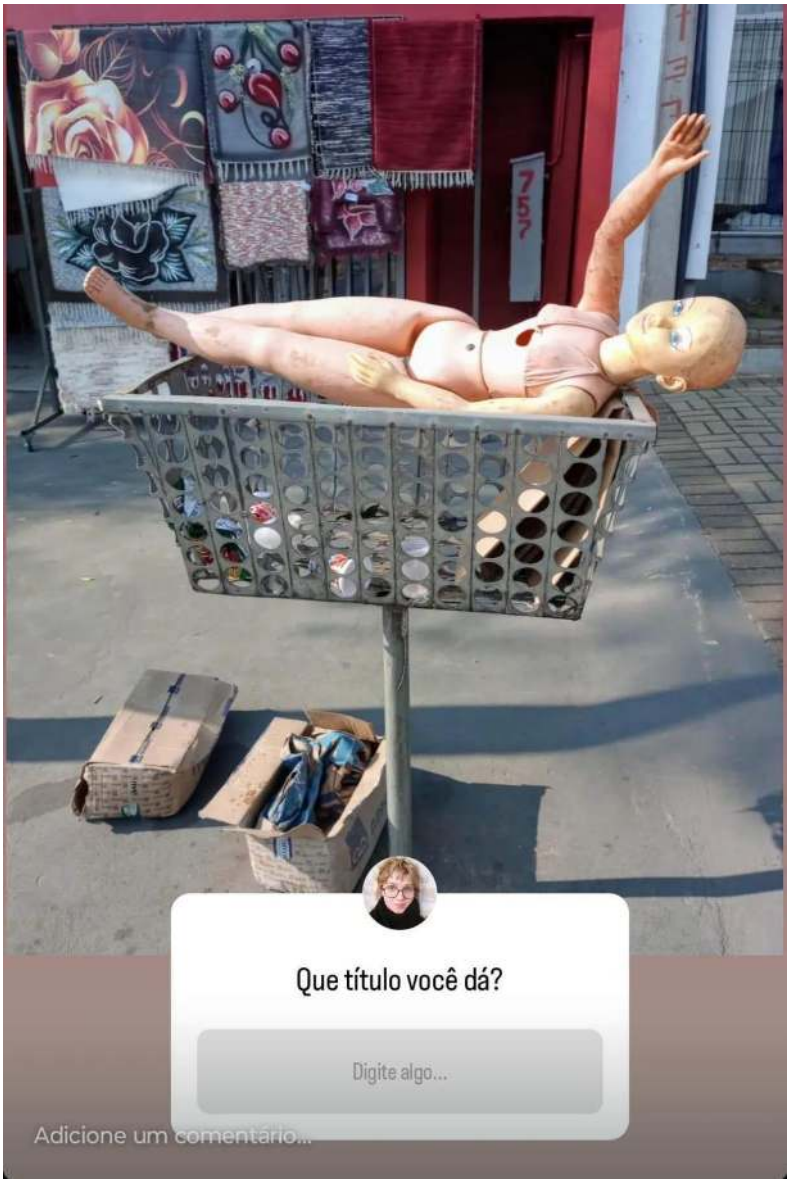
Sobre a Polifonia

O terceiro conceito de Bakhtin (2008) elencado para esta análise é o de polifonia, cuja ideia aponta para a presença de múltiplas vozes em uma materialidade textual, sem que ocorra protagonismo entre elas. Há, então, uma combinação de várias vontades individuais, o que significa que elas não estão subordinadas à consciência do autor.

Na proposta do projeto *Vida e obras das coisas anônimas,* em que é solicitado que os visualizadores criem um título para uma imagem, não se tem como objetivo selecionar um único título ou escolher o melhor deles. Isso significa defender a ideia de que todos são possíveis e pertinentes para uma mesma imagem (Figura 12). As nomeações recebidas são compartilhadas, expondo as diferentes bagagens culturais das pessoas envolvidas. São vozes múltiplas, autônomas e compatíveis com a fotografia (Figura 13).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 12 – Sabrina Esmeris. Captura de tela de postagem no Instagram, 2024



Fonte: Arquivo da autora.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 13 – Sabrina Esmeris. Captura de tela de postagem no Instagram, 2024



Fonte: Arquivo da autora.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

A polifonia, quando ocorre em uma obra literária, constrói um personagem que não necessariamente reflete o autor: ele pode ter ideias que se contrapõem às de seu criador e de outros personagens. Tais vozes se manifestam sem hierarquias, de modo a constituir a multiplicidade (Bakhtin, 2008). Semelhantemente ocorre no projeto em pauta, pois se compartilhou uma fotografia produzida pela autora nas redes sociais com a consciência de que não se teria controle das titulações que ela iria receber. Assim, a imagem ganhou vida própria, tornando-se independente da autora, ou seja, autônoma. Pessoas de diferentes âmbitos podem participar da ação: ex-alunos, amigos, familiares, colegas de trabalho ou da universidade. São vozes oriundas de universos distintos e todas válidas para o acontecimento.

Considerações finais

O presente projeto volta-se para as possibilidades humanas de comunicação realizadas por meio de produções artísticas, as quais abordam elementos que geram questionamentos diante da vida interior e exterior. A poética em questão sugere que todas as coisas revelam algo, mas, também, guardam em si, ideias não ditas. É como se o limite entre o que se vê e o que permanece invisível fosse uma linha formada por um abismo sem fundo. É esse mistério que permite o encanto harmônico das coisas não vistas. Assim, a produção em desenvolvimento levanta indícios de que há zonas invisíveis nas coisas que nos rodeiam, e que os acasos que as cercam talvez não existam para serem resolvidos, mas para serem percebidos. A partir do exposto, sugerimos um projeto que não necessariamente vá responder perguntas ou solucionar questões, mas que abra a possibilidade da dúvida, garantindo que as aberturas permaneçam. Ainda, a abordagem aqui proposta permite a compreensão das paisagens anônimas encontradas nos espaços habitados, como campos de interação entre arte e cultura, evocando camadas sensoriais e simbólicas, que contribuem com as experiências tanto individuais quanto coletivas.

Adiante, neste trabalho, foi verificado como os conceitos de enunciado, intertextualidade e polifonia presentes nos estudos da análise do discurso podem

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

ser transpostos para uma produção poética coletiva que se utiliza de imagem e palavra, cuja manifestação ocorre nas redes sociais. Diante da possibilidade de se explorar o conceito de enunciado, verificamos que, quando os visualizadores de uma produção oriunda do projeto são solicitados a criar um título para uma fotografia, emergem camadas de discurso que revelam ideologias. Nesse processo, o receptor é provocado a refletir sobre sua própria relação com a imagem compartilhada, atribuindo significados que dialogam com suas perspectivas individuais.

Desse modo, é possível estabelecer vínculos com o contexto do período da postagem e com as identificações de alguns indivíduos com o enunciado quando, por exemplo, surgem respostas positivas em relação a um título que diz: "*Argentina 23/26*". Notamos, dessa maneira, que a arte tem o potencial de acolher e/ou transformar os conflitos humanos, mesmo que, muitas vezes, não possa resolvê-los.

Em relação à intertextualidade, percebemos que sua presença pode ocorrer no título das imagens quando se evoca poesia, obras cinematográficas ou de ficção, álbuns musicais, temas da história da arte, etc. Essa ação pode ser feita pela própria autora da poética ou, novamente, por um outro indivíduo ou coletivo quando este se sentir convidado a participar da produção. Ao considerar os limites deste trabalho, analisamos apenas um exemplo, que une duas obras de diferentes épocas por um mesmo título: *A criação de Adão.* Nesse caso, a intertextualidade ocorre por alusão a um título de uma obra amplamente conhecida na história da arte.

Por fim, a polifonia acontece na proposta do projeto *Vida e obras das coisas anônimas* quando os visualizadores da imagem compartilhada nas redes sociais são convidados a dar um título a ela. Desse modo, surgem diversas nomeações para uma mesma imagem ao considerar que todas são possíveis, excluindo a possibilidade de se eleger apenas um título ou determinar "o melhor" entre eles. Nesse momento, abre-se a possibilidade de se manifestarem as vozes múltiplas e autônomas dos coautores da obra, dando "vida" para uma imagem que, a partir dessa ação, adquire independência em relação a sua autora principal.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Uma produção que aborda a vida e a obra das coisas anônimas é uma poética que torna belo aquilo que é banal como rastro do verdadeiro (Rancière, 2009). Por meio de tais imagens e textos, visa-se suscitar reflexões e leituras de mundo. A arte é uma área cada vez mais importante na esfera social, cultural ou educacional, pois pode envolver artistas, estudantes, espectadores e novos criadores em um processo criativo e reflexivo diante das imagens e das palavras, estimulando-os a levar tal prática de leitura para o cotidiano. É uma contribuição que gera impactos a longo prazo, transformando gradualmente a percepção do cotidiano e ampliando a capacidade de interpretar o mundo por meio de um olhar mais crítico e sensível.

Referências:

AUMONT, J. **A imagem.** Campinas, SP: Papirus, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BRANCO, Pércio de Moraes. **Dendritos**: Belos, mas falsos fósseis, 2014. Disponível em: http://www.cprm.gov.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2563&sid=129. Acesso em: 29 out. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. [2. ed.]. São Paulo, SP: Editora 34, 2009.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: perda e permanência. São Paulo, SP: SENAC São Paulo, 2010.

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Recebido em: 18/12/2024.
Aceito em: 17/06/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Sabrina Esmeris
Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Feevale. Foi servidora do Município de Porto Alegre, atuando como professora na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Foi, também, educadora de Artes Visuais na Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Atualmente é doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (Feevale) na Linha de Pesquisa Linguagens e Processos Comunicacionais com bolsa do CNPq.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4050-3334
E-mail: sabrinaesmeris@gmail.com

Laura Marcela Ribero Rueda
Artista plástica, professora e pesquisadora. Doutora e Mestre pelo programa Arte, Território e Cultura da Mídia, do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Barcelona, Espanha (revalidado pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul - UFRGS). Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Jorge Tadeo Lozano, Bogotá, Colômbia. Pós-doutora em Poéticas Visuais pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professora e pesquisadora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), no curso de graduação em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais. Desde 2022 coordena o grupo de pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais, na mesma Universidade. Desde 2018 mantém parceria com a Universidade de Múrcia, Espanha, atuando como professora e pesquisadora convidada no Mestrado em Produção e Gestão Artística, e no grupo de pesquisa Arte e Políticas da Identidade. Sua pesquisa se concentra na área de Artes Visuais, atuando no campo da arte contemporânea com ênfases na História, Teoria e Prática da Fotografia, Processos de Criação, Poéticas Artísticas e Estéticas Migratórias.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5675-7721
E-mail: laurarueda@feevale.br

Ernani Mügge
Possui graduação em Letras Português - Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), Especialização em Linguística do Texto pela mesma Universidade (1993) e mestrado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). É doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolveu projeto de pós-doutorado em Cultura e Literatura (PNPD/CAPES). Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no curso de Letras e no PPG em Processos e Manifestações Culturais.

ESMERIS, Sabrina; RIBERO RUEDA, Laura Marcela; MÜGGE, Ernani. PAISAGENS DE ENTRELINHAS: A POÉTICA VISUAL DAS RESSONÂNCIAS DO COTIDIANO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-26, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Também integra o quadro docente do curso de Letras do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). Atua no Grupo de Pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais, constituído pelas linhas de pesquisa "Linguagens estéticas: processos e produção" e "Aquisição e desenvolvimento da linguagem". Entre outras publicações, é co-autor dos livros Literatura na Escola - Propostas para o Ensino Fundamental (Artmed), Texto literário: resposta ao desafio da formação de leitores (Oikos), Escrituras do imaginário nas literaturas em língua portuguesa (Trajetos Editorial), Adolescências: tecituras contemporâneas entre literatura e psicanálise (Oikos) e Migrações alemãs para o Brasil: História e Literatura (Oikos). Publicou três obras ficcionais: Percalços (2000), Instantes (2004) e Pretérito (re)visitado (2017). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e metodologia de ensino da literatura.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8243-8759
E-mail: ernani@feevale.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-Não Comercial-Compartilha qual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

ESMERIS, Sabrina; RIBERO RUEDA, Laura Marcela; MÜGGE, Ernani. PAISAGENS DE ENTRELINHAS: A POÉTICA VISUAL DAS RESSONÂNCIAS DO COTIDIANO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-26, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br